

Acalma o coração e guarda a tua fé sem desdenhar o sacrifício!... Adeus!... Junto de alguns amigos desvelados, aqui viemos buscar o coração de um justo!...

Com os olhos marejados de pranto, a filha de Helvídio notou que Nestório abraçara-se ao moribundo, enquanto uma força invencível a arrancava do êxtase, fazendo-a voltar á vida comum.

Como se houvera chegado de outro plano, ouviu que Márcia e sua mãe pranteavam e certificou-se de que o moribundo deixara escapar o último suspiro.

Cnéio Lucius, com a consciência edificada nos largos padecimentos de uma longa vida, partira ao amanhecer, quando o maravilhoso sól romano começava a doiar as eminências do Aventino com os primeiros beijos da aurora...

Então, um luto pesado se abateu sobre o palácio que, por tantos anos, havia servido de ninho aos seus grandes sentimentos. Durante oito dias, seus despojos ficaram expostos á visitação pública, na qual se confundiam nobres e plebeus, por lhe trazerem, todos, um pensamento agradecido.

A notícia do infiusto acontecimento foi mandada a Helvídio pelo correio do proprio Imperador, enquanto Caio e a espôsa chegavam da Campania, afim-de assistir ás derradeiras homenagens ao morto ilustre e querido.

Cnéio Lucius não tivera o conforto da presença de Helvídio, mas Fábio Cornélio fez questão de tomar todas as providencias para que não lhe faltassem as honras do Estado. Assim que, o venerando patrício, justamente conhecido e estimado por suas virtudes morais e cívicas, antes de baixar ao túmulo, recebeu as homenagens da cidade em peso.

## II

## CALÚNIA E SACRIFÍCIO

Helvídio Lucius encontrava-se entre a Thessália e a Beócia, quando lhe chegou a notícia do falecimento do

pai. Inutil cogitar de uma visita á Roma, com o fim de confortar o coração desolado dos seus, não somente porque muitos dias já se haviam passado, como também devido aos seus labores intensos, no cargo a êle confiado pelos caprichos do Imperador.

Entre os mármores e preciosidades da antiga Phôcida, em cujas ruinas era obrigado a utilizar os seus talentos na escolha de material aproveitável ás obras de Tibur, sentiu no coração um vácuo imenso. O progenitor era para êle um amparo e um símbolo. Aquela morte deixava-lhe nalma uma saudade imorredoura.

Os longos meses de separação do ambiente doméstico decorriam pesadamente.

Debalde, atirava-se ao trabalho para fugir ao desalento, que, a miude lhe invadia o coração.

Embora a comitiva imperial permanecesse em Athenas, junto de Adriano, êle nunca estava livre das convenções sociais e políticas, no ambiente de suas atividades diuturnas. Sobretudo Cláudia Sabina, nunca o abandonava na faina do esforço comum, cooperando na sua tarefa com decisão e com êxito, reconquistando-lhe a simpatia e amizade de outros tempos. Helvídio Lucius, porém, se lhe admirava a capacidade de trabalho, não poderia transigir no tocante aos sagrados deveres conjugais, guardando a imagem da espôsa no santuário das suas lembranças mais queridas, com lealdade e veneração. Recebia as suas cartas afetuosas e confiantes, como um estímulo indispensável aos seus feitos e acariciava a esperança de regressar á Roma em breve tempo, como alguém que aguardasse ansioso o dia de paz e liberdade.

Desde muito, porém, o generoso patrício trazia o íntimo onusto de preocupações e de sombras.

A espôsa de Lóllio Urbico, modificando os processos de sedução, apresentava-se agora, a seus olhos, como amiga devotada e fiél, irmã dos seus ideais e de suas preocupações. No fundo, a antiga plebéia conservava a paixão desvairada de sempre, acompanhada dos mesmos propósitos de vingança para com Alba Lucínia, considerada como usurpadora da sua ventura.

O tribuno, entretanto, observando-lhe as dedicações

reiteradas e aparentemente sinceras, começou a acreditar no seu desinteresse, verificando a confortadora transformação dos sentimentos da sua profunda capacidade de artificialismo. Cláudia Sabina, contudo, continuava a querê-lo desvairadamente. O constante adiamento de suas esperanças represava-lhe a paixão com mais violência. No íntimo, experimentava os padecimentos de uma leoa ferida, mas a verdade é que, a cada investida do seu afeto, Helvídio lhe fazia perceber o caráter sagrado das obrigações matrimoniais de ambos, indiferente ao seu olhar ansioso e ás suas aspirações inconfessaveis. A mulher de Lóllio Urbico desejava ser amada, assim, com tanta fidelidade e devotamento, mas os sentimentos grosseiros do coração não lhe deixavam perceber as vibrações mais nobres do espírito. Sabia, tão somente, que amava Helvídio Lucius com todos os impulsos do seu temperamento lascivo. Para realizar os seus propositos inconfessaveis, não recuaria. Odiava Alba Lucínia e não trepidaria em lhe impôr a vingança mais cruel, desde que conseguisse voltar ás delícias do antigo amor, feito de exclusividade e violencia.

Cláudia percebeu que o tribuno, apegado ás concepções do dever, poderia ser vencido tão somente por uma dissimulação a toda a prova, e por isso cercava Helvídio de atenções carinhosas e constantes dedicações. Quando, acidentalmente, se referia á espôsa ausente, tinha o cuidado de elogiá-la, esforçando-se por colorir os conceitos com o melhor tom de sinceridade.

Dêsse modo, o filho de Cnéio Lucius se foi prendendo, novamente, na teia de encantos daquela mulher, concedendo-lhe uma atenção indevida, sensibilizado nas fibras mais íntimas do coração, embora nunca chegasse a olvidar as suas obrigações mais sagradas.

Cláudia Sabina, contudo, afagava novas esperanças. Aos seus olhos, bastaria afastar do caminho a figura incômoda de Alba Lucínia, para assegurar a sua bastarda felicidade.

Certo dia, a espôsa do prefeito fingindo distração nas palavras, como de costume, asseverou a Helyídio em íntima palestra:

— A última carta de uma das minhas amigas de Roma, dava-me a conhecer um pormenor curioso da vida de meu marido. Musônia avisa-me que Urbico passa em sua casa quasi todo o tempo de que dispõe nos seus labores de Estado.

— Em minha casa? — perguntou o tribuno ruborizado, adivinhando a malícia de semelhante informação.

— Sim — respondeu Cláudia aparentando a maior indiferença — sempre notei em meu marido singular predileção por sua família. Lucínia e sua filha sempre foram alvo de suas gentilezas especiais. Aliás, isso não nos pode surpreender. Fábio Cornélio, desde muitos anos, tem sido o seu melhor amigo.

— Sim, isso é incontestável — exclamou Helvídio algo desapontado com semelhantes alusões ao seu lar.

Sabina percebeu que aquele instante era favorável para iniciar o tenebroso plano e, fingindo interesse pela paz doméstica de Helvídio Lucius, acrescentou sem piedade:

— Meu amigo, aqui entre nós, devo dizer-lhe que meu marido não é um homem que justifique os mais preciosos costumes do ambiente romano. Avalie quanto me custa fazer-lhe esta confidencia, mas desejo zelar pela paz do seu lar, acima de tudo. Hipócrita e impulsivo por índole, Lóllio Urbico tem feito numerosas vítimas, no campo de suas aventuras de conquistador inveterado. Temo-lhe a frequencia á sua casa, por sua mulher e por sua filha.”

Helvídio fez-se pálido, mas Cláudia, percebendo o efeito de suas palavras, prosseguia impiedosamente:

— Vivemos uma época de surpresas temerosas, na qual as mais sólidas reputações baqueiam imprevistamente... Desde que me casei com o prefeito, venho experimentando uma série de provações. Suas aventuras amorosas tem-me acarretado grandes dissabores, dado o clamor das vítimas, a me repercutirem no coração...

— Por Júpiter! — murmurou o tribuno fortemente impressionado — não posso contestar as suas apreciações, mas quero crer que Fábio Cornélio não se poderia enga-

nar por tantos anos, elegendo no prefeito um de seus melhores amigos.

— Sim, esse argumento parece forte á primeira vista — respondeu Sabina com argúcia — mas convém lembrar que o meu amigo recomeça agora a sua vida na Capital do Império, depois de muitos anos acostumado á tranquilidade da província. O tempo demonstrará que o censor e o prefeito se identificaram muito em uns tantos negócios do Estado. Ambos são compelidos a se respeitarem e a se quererem mutuamente, mas, quanto á conduta individual, sabem os deuses da realidade de minhas afirmativas.

Helvídio Lucius desviou a palestra para outros assuntos, reconhecendo a delicadeza daquelas observações sobre a honorabilidade de outrem e a propósito do seu lar, mas quando Sabina se retirou, sentiu-se envenenado de preocupações injustificaveis e profundas. Que significariam as visitas reiteradas de Lóllio Urbico á sua casa? Porventura Alba Lucínia ter-se-ia esquecido dos seus sagrados deveres? Fábio Cornélio prender-se-ia tanto aos interesses materiais, a ponto de olvidar o nome e as respeitaveis tradições da família? Na mente do tribuno, as numerosas cogitações íntimas se baralhavam em tormenta. Ainda bem que aquela ausencia dolorosa estava prestes a findar. Elio Adriano já expedira as ordens para que largassem da Itália as galéras para o regresso.

Em Roma, porém, a situação de Alba Lucínia e da filha chegava ao auge do sofrimento moral. Várias vezes, Célia percebera os colóquios de sua mãe com o impiedoso conquistador, mas, dada a sua timidez, não podia perceber a repulsa da progenitora, diante da infâmia e cruel ousadia. Lucínia, a seu turno, algumas vezes, encontrava o prefeito dos pretorianos em visita á sua casa, quando de suas curtas ausencias junto das amigas, encontrando o implacavel perseguidor em conversação com a filha, que o acolhia com a tolerancia dos seus bons sentimentos, de modo a não ferir o coração materno, salientando-se que a espôsa de Helvídio temia, sinceramen-

te, a presença daquele homem cruel, transformado em demônio do seu lar.

A nobre senhora, abatida e doente, pensou em expôr a situação ao velho pai e, todavia, considerou que o censor já deveria ter percebido, de longa data, a sua posição angustiosa, do ponto de vista moral, supondo, portanto, que, se ele silenciava é que lhe sobravam ponderosas razões para fazê-lo.

Muitas vezes tentou falar á filha sobre tão delicado assunto, supondo-a tambem vítima das perseguições insidiosas do inimigo da sua paz; todavia, Celia com a sua natural pudicicia jamais deu ensejo ás confidencias maternais, desviando o curso das conversações e multiplicando os carinhos para com ela, em cujo coração adivinhava as mais angustiosas inquietações.

Afinal, quando faltavam dois meses para o regresso definitivo de Helvídio, Alba Lucínia acamou-se, extremamente abatida.

Mais de um ano fazia que o Imperador se ausentara.

Foram quatorze meses de angústia para a filha de Fábio Cornélio, cuja saúde não pudera resistir ao embate das provações mais penosas. Célia, igualmente, tinha as faces descoradas e tristes. Através dos seus traços, podia observar-se o enfraquecimento orgânico. As preocupações filiais se traduziam por longas noites de insônia, que acabaram por lhe arruinar a saúde, antes vigorosa. Com a sua ternura inata, ela tudo fazia por consolar a maezinha combalida.

Dos portos da Itália foram enviadas quatro grandes galeras para o regresso de Adriano e sua comitiva. A primeira embarcação chegada ao litoral da Ática, foi disputada pelos elementos mais anchos de retornar ao ambiente romano, entre os quais Cláudia Sabina, que pretextava a necessidade de voltar quanto antes, considerando os apelos do seu círculo doméstico.

Helvídio Lucius estranhou aquela pressa, mas não podia adivinhar o alcance de seus planos. Ele também desejava regressar, urgentemente, mas era obrigado a atender ao convite do Imperador, para fazer-lhe compa-

nhia na embarcação de honra, que chegaria a Óstia oito dias depois das primeiras galéras.

Daí a alguns dias, a mulher do prefeito dos pretorianos chegava á capital do Império, com o avanço de uma semana, de molde a cogitar da realização dos sinistros projetos de vingança que lhe trabalhavam a mente. O marido recebeu-a com a frieza habitual e os servos da casa, com a angústia que a sua presença lhes facultava.

Cláudia Sabina teve meios de fazer chegar á Hatéria a notícia de sua volta, encarecendo-lhe a visita com a possível urgencia.

Frente á sua cumplice, a quem dispensava o máximo de generosidade, a antiga plebéia disse-lhe ansiosamente:

— Hatéria, chegou o momento de jogar a última cartada na minha partida. Realizarei meu projeto sem vacilar nas minhas atitudes, e quanto a ti, receberás agora o premio da tua dedicação.

— Sim, senhora — retrucava a serva com o olhar cúpido, considerando a propina.

— Como vai a mulher de Helvídio?

— A patrôa vai muito abatida, e doente.

— Ainda bem — murmurou Sabina satisfeita — isso favorece a execução dos meus planos.

E depois de fixar na companheira os olhos ansiosos, acentuou de maneira singular :

— Hatéria, estás preparada para o que possa acontecer?

— Sem dúvida, minha senhora. Entrei em casa do patrício Helvídio Lucius, para vos servir, exclusivamente.

— Não te arrependerás por isso — disse Sabina com decisão. Ouve-me: estamos ao termo da missão que te retêm junto de Alba Lucínia. Espero do teu esforço o último serviço de colaboração na minha tarefa de amplo desagravo do passado doloroso. Tenho sido generosa contigo, mas desejo assegurar o teu futuro pelos bons serviços que me has prestado. Que desejas para descanso da tua velhice no seio da plebe desamparada?

Depois de pensar um momento, a velha serva mur-

murou satisfeita, como se ja houvesse realizado, no íntimo, todos os cálculos imprescindiveis á uma resposta mais exata.

— Senhora, sabeis que tenho uma filha casada, cujo marido vem arcando com a maior miseria nos seus dias de tormento e de pobreza. Valério, meu genro, teve sempre grande amor á vida do campo; mas, em sua penosa condiçao de liberto pobre, jamais conseguiu amealhar o suficiente para adquirir um trato de terra, onde pudesse fazer a felicidade da família. Meu ideal, portanto, é possuir um sítio longe de Roma, onde me recolhesse junto dos filhos e dos netos que me estimarão, como hoje, nos dias próximos da decrepitude e da invalidez para o trabalho.

Teus desejos serão satisfeitos — exclamou a mulher do prefeito, enquanto Hatéria a escutava, cheia de alegria — vou indagar o custo de um sítio aprazivel e, no momento oportuno, dar-te-ei a quantia necessária.

— E que devo fazer agora para lograr semelhante ventura?

— Escuta — disse Cláudia com gravidade — de hoje a uma semana Helvídio Lucius deverá estar de volta. Na tarde de sua chegada, deverás procurar-me para receber instruções. Nesse mesmo dia, terás o dinheiro necessário para realizar teus desejos. Por agora, vai-te em paz e confia em mim.

Hatéria estava radiante com as perspectivas do futuro, sem levar em conta os meios criminosos que haveria de empregar para atingir seus fins.

No dia seguinte, pela manhã, uma liteira modesta saía da residencia de Lóllio Urbico, em direção á Suburra.

Será inutil esclarecer que se tratava de Cláudia Sabina, dirigindo-se á conhecida casa da vendedora de sortilégios, com quem haveria de concluir os seus projetos sinistros.

A feiticeira de Cumas recebeu-a sem surpresa, como se estivesse á sua espera.

Depois de mergulhar as mãos ávidas na aluvião de sestérios que Cláudia lhe trazia, Plotina concentrou-se

diante da trípode que já conhecemos, falando em seguida:

Senhora, o momento é único! Deveremos cuidar de todos os pormenores, quanto ao que vos cumpre fazer, afim de que se não percam os nossos melhores esforços.

Claudia Sabina pôs-se a meditar num plano minucioso que a feiticeira submetia ao seu critério.

Plotina falava em voz muito baixa, como se receasse as proprias paredes, tal a ignomínia das sugestões criminosas.

Finda a longa exposição, a consulente retrucou pensativa:

— Mas, não seria melhor exterminar a rival? Tenho alguém em sua casa que se poderá incumbir do último golpe. Sei que conheces os filtros mais violentos e que mos podes fornecer hoje mesmo.

— Senhora — as vossas ponderações são razoaveis, mas deveis recordar que a morte do corpo só aproveita aos assuntos de ordem material; e, em nosso caso, eles são de ordem espiritual, tornando-se indispensavel um golpe infalivel. Quem nos dirá que o homem amado voltará aos vossos braços se a companheira descer ás cinzas de um túmulo? Os que partem para o Além costumam deixar uma saudade duradoura, alimentando sempre uma paixão inextinguivel.

E enquanto a espôsa do prefeito considerava as estranhas insinuações como certas e justas, Plotina continuava:

— É preciso instilar o ódio no coração do homem desejado, para que a vossa ventura seja efetiva. Para atingirmos esse fim, necessário se torna flagelar a alma, abatendo-a e destruindo-a.

— Sim, as tuas advertencias são assáz judiciosas e não devo desprezá-las, mas, de conformidade com o teu plano, meu marido deverá desaparecer...

— E que vos importa isso, se a sua morte se faz necessaria? Não forçais o destino para gozar a felicidade possivel com outro homem?

— Sim, teu projeto é o melhor, porquanto chegaste a prever todas as consequencias.

E, como se apostrofasse a figura imaginária da rival, vítima da sua insania e do seu ódio, acentuou com os olhos perdidos no vácuo:

— Alba Lucínia deverá viver!... Relegada a um plano inferior, com a sua vergonha, padecerá o desprezo e a execração que tenho padecido!...

Plotina levantara-se. De um armário esquisito, retirou frascos e pacotes que entregou a cliente, com observações especializadas.

Aceitando de alma aberta o plano odioso, Cláudia Sabina saíu, prometendo voltar.

Daí a dias, Elio Adriano com a sua imponente comitiva entrava pela Porta Ostia, aclamado pela onda espessa do patriciado e do povo.

O Imperador, com a sua predileção pelas relíquias da antiguidade, recomendou a Helvídio superintendesse todo o serviço de descarga das peças curiosas da Phócida, destinadas á Roma. O tribuno, porém, delegando a incumbência á um dos seus prepostos de confiança, dirigiu-se á cidade, para abraçar a espôsa e a filha.

Lucínia e Célia receberam-no com transportes de júbilo indizível.

O tribuno, porém, abraçou-as tomado de enorme surpresa. Ambas se encontravam desfiguradas e doentes. Nada obstante, trocaram-se impressões carinhosas, cheias do encantamento e do júbilo de se reverem. Assinalando essa comovedora alegria, o generoso patrício, amante do lar, retirou de pequena caixa um soberbo bracelete de pedras preciosas, que entregou á espôsa como lembrança de Atenas e deu á filha uma formosa pérola adquirida na Achaija, como recordação da Grécia longinqua.

Depois, foi um longo desfiar de reminiscências amigas e doces. Alba Lucínia teve de confiar ao marido todas as peripécias da enfermidade, agonia e morte de Cnéio Lucius.

Enquanto a cidade se repletava de espetáculos para ilustrar o regresso do Imperador, Helvídio Lucius e os seus entretinham-se em palestra cariciosa, matando as saudades recaladas.

Todavia, quando os derradeiros clarões do sol preludiavam o crepúsculo, o patrício disse á espôsa, com grande ternura :

— Agora, querida, regressarei á Ostia, onde sou obrigado a pernoitar ainda hoje. Amanhã estarei definitivamente reintegrado em casa, afim-de organizarmos a nossa vida nova. Já me avistei com Fabio Cornélio, que acompanhou o Imperador ao lado do prefeito, mas somente amanhã poderei estar com Marcia, para ouvi-la acerca-de meu pai e dos seus últimos desejos.

— ... Mas, as responsabilidades em Ostia são assim tão imperiosas? — perguntou Alba Lucínia preocupada. — Para os serviços do Imperador não teria bastado a ausência de mais de um ano?

— Sim, querida, faz-se mister cumprirmos o dever nas suas características mais severas. Adriano incumbiu-me da verificação de todas as relíquias transportadas da Grécia e não posso confiar tão somente no trabalho dos servos, dado o valor consideravel da carga em apreço. Mas, não te amofines com isso!... Lembra-te que amanhã aqui estarei para concertar os nossos planos familiares.

Alba Lucínia aquiesceu com um sorriso triste, como se estivesses em face do inevitável. Seu coração, porém, desejava a presença do companheiro para confiar-lhe, imediatamente, os seus íntimos dissabores.

Ao caír da tarde, a liteira de Helvídio saía de casa apressadamente.

Alba Lucínia recolhia-se ao leito, cheia de novas esperanças, enquanto a filha voltava ás suas meditações.

Alguem, contudo, saía da residencia do tribuno, cautelosa e apressadamente, sem despertar a curiosidade dos serviciais domésticos. Era Hatéria que se dirigia para o Capitólio.

Cláudia Sabina recebeu-a sôfrega, fazendo-a entrar num gabinete mais discreto e falando-lhe nestes termos:

— Ainda bem que vieste mais cedo! Tenho de tomar muitas providencias.

— Aguardo as vossas ordens, respondeu a criada na sua fingida humildade.

Hatéria — volveu Sabina com voz quasi imperceptivel — estou vivendo horas decisivas para o meu destino. Confio em ti como se confiasse em minha propria mãe.

E entregando-lhe pesada bolsa, com o preço da traição, acrescentava :

— Aquí está o premio da tua dedicação em favor da minha felicidade. São economias com que poderás adquirir um sítio longe de Roma, conforme desejas.

Hatéria, cúpida, recebia a pequena fortuna, deixando transparecer estranha alegria nos olhos fulgurantes.

A mulher de Lólio Urbico, todavia, continuava em tom discreto :

— Em troca da minha generosidade exijo-te, contudo, segredo tumular, ouviste ?

— Essa exigência me é muito grata, creia, — dizia a cumplice.

— Confio na tua palavra.

E depois de uma pausa, olhos perdidos no vácuo, como a antever os seus feitos horriveis, acentuou :

— Conheces a coluna lactaria, no mercado de legumes ? (1)

— Sim, não fica longe do Pórtico de Otávia. Ha muitos anos, por alí perambulei, afim-de observar as criancinhas abandonadas.

— Neste caso não me será difícil explicar-te o que pretendo.

Começou a falar com a velha serva em voz muito baixa, expondo-lhe os seus projetos, enquanto Hatéria a ouvia muito admirada, mas aquiescendo a todas as sugestões.

Cláudia Sabina parecia alucinada. Olhar abstrato, a expressão fisionómica tinha um quê de sinistro. Como que concentrada no só propósito de efetivar os seus planos, dirigia-se á velha serva maquinalmente :

---

(1) A coluna lactaria no mercado de legumes, ou Forum Olytorium, era o local onde se expunham, diariamente, os recém-nascidos enjeitados.

— Hatéria, — disse, entregando-lhe um pequenino frasco — este filtro dá repouso físico e sono prolongando... Ao ministrá-lo, é preciso que Alba Lucínia descanse tranquilamente...

Confiando-lhe outro frasco, afoitamente acrescentava:

— Leva tambem este! Terás necessidade de tudo isso!...

E enquanto a serva guardava os elementos do crime, acentuava:

— Que os deuses da minha vingança nos protejam... Até que enfim, chegou o instante da desforra... Sim, Hatéria, amanhã Helvídio Lucius saberá, para todos os efeitos, que a espôsa lhe foi infiel, apresentando-lhe o fruto de um crime... A escolha da criança ficará ao teu critério... Poderei contar absolutamente contigo?

— Pela fé no poder de Júpiter, podeis confiar em mim, senhora. Irei á coluna lactária, depois da meia noite, e levarei comigo a criança. Os recem-nascidos são ali abandonados diariamente, ás dezenas...

Assentada a combinação sinistra, a noite já havia desdobrado sobre Roma o seu manto de sombras espessas.

Todavia, enquanto Hatéria retornava á casa dos amos, Cláudia Sabina privava-se das festas noturnas do Imperador, encaminhando-se á Porta de Óstia apressadamente.

Encontrando-se lá com o filho de Cnéio Lucius, solicitou-lhe o favor de uma palavra em particular, no que foi imediatamente atendida.

— Helvídio — falou a perversa criatura com a sua facilidade de dissimulação — aquí estou para prevenir-te reservadamente, de graves acontecimentos aliás já por mim previstos, quando na Grécia.

— Mas, que acontecimentos? — interrogou o patriício com ansiedade.

— Deves estar preparado para ouvir-me, pois acredito que o prefeito dos pretorianos, com a bruteza dos seus sentimentos, chegou a macular a honra da tua casa.

— Impossivel! — exclamou o tribuno com veemência.

— Entretanto, deves ouvir Alba Lucínia imediatamente, verificando até que ponto conseguiu Lóllio Urbico introduzir-se no teu lar.

— Eu não posso duvidar de minha mulher siquer um minuto — revidou com sinceridade.

— Queres ou não ouvir-me até o fim, para conheceres os pormenores do fato? — perguntou Sabina encorajada.

— Ouvi-la-ei com prazer, desde que o assunto não se refira á minha família e á honra da minha casa.

— É possivel que tua opinião amanhã se modifique.

E, despedindo-se bruscamente do homem de suas paixões, que sabia defender as tradições do lar e da família, a antiga plebéia regressava ao Capitólio, mais que nunca interessada no desdobramento dos seus sinistros designios. O genio do mal, que lhe falava no coração, preparava para aquela noite os acontecimentos mais terríveis.

Enquanto a vemos, pela madrugada, a examinar documentos e pergaminhos no gabinete de Lóllio Urbico, acompanhemos Hatéria até o mercado de legumes.

A sociedade romana já se havia habituado a ver junto da coluna lactária os míseros enjeitadinhos. Esse local de triste memória, onde muitas mães abnegadas acolhiam pobres crianças abandonadas, constituia como que os primórdios das famosas “rodas-de-expostos”, nos estabelecimentos de caridade cristã, que floreceriam mais tarde para o mundo.

À claridade mortiça da lua, antes do amanhecer, a velha serva verificou a presença de três míseros pequeninos. Um deles, porém, chamou-lhe a atenção pelos seus suaves vagidos de recem-nado. Era uma criancinha de traços delicados e nobres, que a cúmplice de Cláudia pôde examinar, minuciosamente, á luz de uma tocha. O enjeitadinho, com roupas muito pobres, parecia nascido de poucas horas. Hatéria tomou-o nos braços, quasi com êlêvo, considerando intimamente: esta criança deve ser um digno rebento de patrícios romanos!... Que penoso

romance não se ocultará no seu vestidinho roto e ordinário...

Levou-o consigo, penetrando na casa dos amos com todo o cuidado.

Amanhecia...

A noite, a criminosa adicionara o narcótico aos remédios de sua sennora.

Entrou no quarto onde a espôsa de Helvídio repousava, tranquilamente, depôs a criança ao seu lado, envolvendo-a no ambiente tépido das coberturas. Em seguida, preparou ali toda a encenação necessária, sem que a pobre vítima do filtro que a mergulhara em longo e pesado sono pudesse perceber o que se passava.

Todavia, o pequenino começou a chorar fracamente, embora a serva criminosa fizesse o possível por acalmá-lo.

No quarto contíguo ao de sua mãe, dado o ruido insólito, Célia despertava.

Acordou aturdida e sensibilizada. Acabava de sonhar que se encontrava, novamente, no cemitério triste da Porta Nomentana, como na memorável noite em que pudera rever o bem amado de sua alma. Figurou-se-lhe contemplar Ciro a seu lado, enquanto Nestório mantinha a mesma atitude das suas antigas prédicas, perguntando — Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos? Tinha o cérebro ainda preso de emoções carinhosas, e as mais ternas lembranças no coração de menina e moça...

Nesse instante, o ruido insólito chegava-lhe aos ouvidos. Vagidos de criança? Que significaria aquilo?

Levantou-se, apressada, com o pensamento ansioso, mergulhado em dolorosas perspectivas.

Notando o movimento de alguém que se aproximava, Hatéria fez menção de retirar-se á pressa, mas a jóven já havia transposto a porta, verificando-lhe a presença.

Contemplando a criança ao lado de sua mãe adormecida e os sinais evidentes de quanto caracteriza o lugar de um parto, presumiu adivinhar o drama com as amargas suspeitas do seu coração filial.

Um turbilhão de pensamentos penosos surpreendeu-lhe o cérebro enfraquecido. Sim, aquela criancinha de-

veria ter nascido ali, como consequencia fatal de uma tragédia inesquecível.

— Hatéria, — exclamou num gemido — que significa tudo isso?

— Vossa mãe, esta noite, minha boa menina — respondeu a serva criminosa, sem se perturbar — deu á luz um pequenino...

— E' incrivel! — coluçou a filha de Helvídio com a voz estrangulada.

— Entretanto é a verdade — revidou Hatéria em voz muito baixa — não dormí, auxiliando a senhora em seus sofrimentos!

E apontando para a infortunada consorte do tribuno, exclamava quasi tranquila:

— Agora ela dorme... e precisa repousar.

Célia não podia definir a intensidade dolorosa dos pensamentos que a empolgavam. Nunca acreditara que sua mãe pudesse prevaricar na ausencia paterna. Seu coração carinhoso sempre fôra, ao seu ver, um modelo de virtudes, um símbolo de honestidade. Certamente Lóllio Urbico levara a infamia aos mais pavorosos extremos. Ela bem que lhe ouvira as palavras de conquistador desalmado e cruél! Além de tudo, sua mãe ha muito que andava doente. Com certeza, seu coração bondoso e honesto estava cheio dos tormentos da compunção e do arrependimento. Sentia pela mãe um enterneecimento infinito. Seu pai regressara na véspera, cheio de novas esperanças. Ela surpreendera lágrimas nos olhos maternos, pranto êsse que deveria ser de júbilo intenso e de comovedora alegria. Quanto não haveria sofrido o coração materno naqueles longos meses de expectativas angustiosas! Alba Lucínia, porém, sua mãe e melhor amiga, tinha agora um filhinho que não era uma flor do tâlamo conjugal. Helvídio Lucius não lhe perdoaria nunca. Célia conhecia a enfibratura do pai, assaz generosas demasiadamente impulsivo. Além de tudo, a sociedade romana não admitia transigencias, em se tratando de tragédia como aquela, no seio do patriciado. Com as lágrimas a lhe borbulharem dos olhos, naquelas rápidas e singulares meditações a jóven cristã lembrou-se do so-

nho daquela noite, e pareceu-lhe ainda ouvir Nestorio a repetir as palavras do Evangelho — “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? — Levando as suas lembranças ainda mais longe, recordou a exortação nas vésperas do sacrifício, quando afirmara que a melhor renúncia por Jesus não era propriamente a da morte, mas a do testemunho que o crente fornece com os exemplos da sua vida. Depois, a figura do avô surgiu, espontanea em sua mente. Parecia-lhe que Cnéio voltava do túmulo para recomendar-lhe, mais uma vez, a tranquilidade do pai e a ventura da mãe, nas provas asperíssimas!... .

De olhos molhados, aproximou-se do pequenino, que abrira os olhos pela primeira vez, ás primeiras claridades do dia... O enjeitadinho fez um movimento com os braços minúsculos, como se os levantasse para ela, suplicando-lhe conforto e afeto. Célia sentiu que as suas lágrimas caíam-lhe no rosto alvo e minúsculo, experimentando no coração uma ternura infinita. Retirou-o com cuidado como se o fizesse a um irmãozinho... Sentiu que o coraçãozinho batia de encontro ao seu, como o de uma ave assustada, sem direção e sem ninho... Seu espírito, como que tocado de sentimentos misteriosos e inexplicaveis, estava tambem povoado das mais profundas emoções maternas... .

Depois de alguns minutos, em que Hatéria a contemplava surpreendida, Célia ajoelhou-se aos pés da serva, exclamando comovedoramente no seu sublime espírito de sacrifício:

— Hatéria, minha mãe é honesta e pura! Esta criança que vês nos meus braços é meu filho! Se-lo-á, meu filhinho, agora e sempre, comprehendes?

— Jamais o direi — respondeu a cumplice de Cláudia, aterrada.

— Mas, ouve! — Tú que foste a confidente de minha mãe ajuda-me a salvá-la!... Pelo amor de tuas crenças, confirma os meus propositos!... Minha mãe precisa cuidar de meu pai no curso da vida e meu pai a adora! Se ela errou, por que não auxiliarmos a sua felicidade, devolvendo á sua alma a ventura merecida? Minha mãe nunca erraria de motu proprio!... Foi sempre boa, carinhosa

e fiél... Só um homem muito perverso poderia induzi-la a uma falta dessa natureza, pelos caminhos do crime!...

Lacrimejante, enquanto a criada a escutava estarrada, continuava:

— Céde aos meus desejos! Esquece o que viste esta noite, considerando que os tiranos dos nosos tempos costumam raptar nobres damas, aplicando-lhes filtros de esquecimento! Minha pobre mãe deve ter sido vítima desses processos miseraveis!... Quero salvá-la e conto contigo!... Dar-te-ei todas as minhas jóias mais preciosas. Meu pai não costuma dar-me dinheiro em especie, mas tenho dele e de meu avô as lembranças mais ricas... Ficarão contigo! Vendê-las-ás, onde quiseres... Arranjarás uma pequena fortuna...

— Mas, e a menina? — murmurou Hatéria espantada com o imprevisto dos acontecimentos — já pensou que essa idéia do sacrifício é impossivel? Com quem fariam no mundo? Vosso pai, porventura, suportaria versos assim, como mãe de uma criança infeliz?!...

— Eu... — exclamava a jóven com atitudes reticenciosas, como se desejasse lembrar alguém que a pudesse valer em tão dolorosas circunstancias — eu... ficarei com Jesus!...

Em seguida, ante o silencio de Hatéria, que lhe obedecia maquinalmente, todo o cenário foi trasportado ao seu quarto, enquanto Célia conchegava o pequenino ao coração, entregando á serva ambiciosa todas as joias mais preciosas e guardando, apenas, a pérola que Helvídio lhe dera na véspera.

Alba Lucínia, contudo, saíra do seu torpor, repentinamente. Aturdida com os efeitos do narcotico, estava surpresa, ouvindo no quarto da filha os vagidos da criança.

Divisando o vulto de Hatéria através de uma cortina, chamou-a em voz alta para certificar-se do que ocorria.

A criada criminosa, porém, apareceu-lhe de frente, lívida e aterrada...

Levando as mãos á cabeça num gesto de fingido desespôro, exclamava com esgares estranhos:

— Senhora!... Senhora! que grande desgraça!...

A espôsa do tribuno, com o coração a lhe saltar do peito, pálida e aturdida, ia interrogar a serva, quando alguém transpôs a porta e penetrou no aposento.

Era Helvídio. O genro de Fábio não conseguira conciliar o sono. Depois das insinuações perfidas de Sabina, parecia que veneno atroz lhe destruia todas as fôrças do coração. Trabalhou intensamente para que as horas da noite lhe fôssem menos amargurosas e todavia, ao dealbar da aurora, montara um cavalo veloz que o transportou, célere á casa, para consolidar a sua tranquilidade espiritual junto da mulher e da filhinha.

Lá chegando, ainda ouviu a velha serva exclamar desesperada :

— Uma desgraça!... uma grande desgraça!...

Enquanto Lucínia o contemplava aflita e amargurada, Helvídio Lucius caminhava para ela e para a criada, com o semblante carregado e triste...

— Explica-te, Hatéria!... — teve fôrças para murmurar a pobre senhora, aflitamente.

Nesse instante, porém, depois de longa prece, a jovem cristã surgiu, quasi cambaleante, á porta da alcova materna.

Tinha os olhos vermelhos e tristes, a roupa mal posta, os cabelos em desalinho. Acalentado em seus braços afetuosos, o pequerrucho se acalmara, qual pássaro que houvesse reencontrado o ninho tépido.

Helvídio e sua mulher contemplaram a filha surpresos e aterrados.

— Mas, que significa tudo isso? — explodiu o tribuno dirigindo-se á serva.

Célia quis explicar-se, mas a voz estrangulara-se-ihe na garganta, enquanto Hatéria esclarecia :

— Meu senhor, a menina, esta noite...

Contudo, ante o olhar duro do patrício, a sua voz se perdia nas reticencias dos remorsos e das dúvidas, quanto ás terríveis consequências da sua infamia.

Célia, porém, cheia de fé na Providencia Divina e sinceramente desejosa de sacrificar-se por sua mãe, ajoelhara-se humilde, exclamando com voz quasi firme :

— Sim, meu pai... minha mãe... pesa-me a confis-

são da minha falta, mas esta criança é meu filho!..

O tribuno sentiu que uma comoção desconhecida invadiu-lhe todo o sér. A cabeça andava-lhe á roda, ao mesmo tempo que lividez de mármore cobria-lhe as feições, vincadas de cólera e angústia. Os mesmos fenômenos fisiologicos passavam-se com sua mulher, cujos olhos aterrados não encontravam lágrimas para chorar. Alba Lucínia, contudo, ainda teve energia para murmurar, olhando o Alto:

— Deus do céu!...

Célia, porém, genuflexa, enquanto Hatéria erguia a cabeça, fria e impassivel, exclamava com o pranto da sua humildade:

— Se puderdes, perdoai a filha que não conseguiu ser feliz! Sei o crime cometido e aceito de boa vontade as consequencias da minha falta!

De olhos baixos, com as lágrimas a aljofrarem a face do inocentinho, a jóven continuava dirigindo-se ao pai, que a ouvia estarrecido, como se o pavor daquela hora o houvesse petrificado:

— Na vossa ausencia, andou nesta casa o espírito de um tirano!... Recebido como amigo, assediou minha mãe com todos os seus processos de infamia... Ela, porém, como sabeis, foi sempre fiél e pura!... Reconhecendo-lhe a virtude incorrutive, o prefeito dos pretorianos abusou da minha inocencia, levando-me ao que vêdes!... Nunca confessei á mamãe as faltas de minhalma, mas, esta noite senti a realidade da minha desventura! No auge dos sofrimentos, busquei o auxílio de Hatéria, para salvar a vida dêste inocentinho!...

E erguendo os olhos súplices para a criada impassivel, a jóven acrecentava:

— Não é verdade, Hatéria?

Lucínia e o espôso não queriam acreditar no que viam, mas a serva criminosa confirmava com fingida amargura:

— É verdade!...

— Sei que as nossas tradições não me perdoam a falta — continuava Célia, tristemente — mas toda a minha mágoa vem do fato de haver maculado o lar pa-

terno, aceitando uma afronta e dando margem a desonra!... Não posso ser perdoada, mas vêde o meu arrependimento e tende compaixão do meu espírito abatido! Expiarei o crime como as circunstâncias exigirem e se fôr indispensável a morte para lavar a mácula, saberei morrer com humildade!...

As lágrimas embargavam-lhe a voz, não obstante sentir-se amparada por braços intangíveis do plano espiritual, no instante penoso do sacrifício.

Helvídio Lucius saindo do seu pasmo, deu alguns passos em direção á espôsa trêmula, perguntando com voz estranha e quasi sinistra:

— Lóllio Urbico é, de fato, êsse infame?

Alba Lucínia experimentando a queda de todas as suas energias, recordava o seu calvário doméstico, em face das investidas do conquistador, cuja perseguição á filha o seu espírito adivinhara. Longe de sentir toda a realidade tenebrosa daquelas cenas que o genio criminoso de Cláudia Sabina havia idealizado, murmurou fraca-mente:

— Sim, Helvídio, o prefeito tem sido o verdugo impiedoso da nossa casa!

— Mas, meu coração não quer acreditar no que os meus olhos vêem — murmurou o tribuno surdamente.

Célia continuava genuflexa, olhos nevoados de lágrimas, amparando o pequenino que chorava.

Alba Lucínia contemplava a filha, tomada de amargura e de assombro. Agora, presumia compreender as esquivanças da filhinha a todos os passeios, nos derradeiros tempos, para só configurir-se ao isolamento do seu quarto, engolfada em preces e meditações. Atribuia o retraimento de Célia á morte do avô, que lhes deixara a ambas as mais penosas saudades. Entretanto, sua desconfiança de mãe entendia, agora, que o conquistador covarde havia abusado da inexperiencia de sua filha. Muitas vezes, receara saír deixando-a só, no lar, porquanto a intuição materna ha muito lhe advertia que Lóllio Urbico buscaria vingar-se, executando ás suas terríveis ameaças. Agora, a realidade amarga torturava-lhe o espirito.

— Lucínia — continuou Helvídio sombriamente — explica-te!... Não terias exercido nesta casa a preciosa vigilância materna? É verdade que o prefeito dos pretorianos insultou a tua dignidade?...

— Helvídio, — soluçou com voz tremente — tudo o que ocorre é absolutamente estranho e incrivel, mas o fato aí está patente, atestando a realidade mais amarga! Desconfiava que a nossa pobre filha fôsse também vítima do perverso amigo de meu pai, porquanto, de minha parte venho sofrendo, desde que partiste, as mais atrozes perseguições, traduzidas em contínuas ameaças, dada a minha resistência aos seus inconfessaveis desejos...

Ante o esboroar de suas últimas esperanças, com a palavra sincera da espôsa que se mostrava amargurada e surpreendida, o orgulhoso patrício deixou-se dominar completamente pelas realidades aparentes daquela hora trágica.

De punhos cerrados, olhos duros e sombrios a revelarem disposições inflexíveis de vingança, Helvídio Lúcius exclamou com voz terrível, dominadas todas as suas expressões fisionómicas por um rictus de angústia:

— Vingar-me-ei do infame, sem piedade!...

E contemplando a filha que permanecia de joelhos e de olhos baixos, como se evitasse o olhar paterno, acentuou terrivelmente:

— Quanto a tí, deverás morrer para resgatar o crime hediondo!... Iniciando os meus desgostos, com o preferir aos escravos, acabaste arruinando o meu nome, levando esta casa á uma situação execravel! Mas, saberei lavar a mancha criminosa com as minhas decisões implacaveis!...

Dito isso, o orgulhoso tribuno arrancou acerado punhal, que reluziu aos clarores do sól matinal, mas, Alba Lucínia de um salto, prevendo-lhe a resolução inflexivel, susteve-lhe o braço exclamando angustiada:

— Helvídio, pelos deuses e por quem és... Não basta a dor imensa da nossa vergonha e da nossa desventura?!... Queres agravar nossos padecimentos com a morte e com o crime? Não! Isso não!... Acima de tudo, Célia é nossa filha!

Nesse instante, o tribuno lembrou-se repentinamente recordação, como a pedir-lhe calma, resignação e clemência. Pareceu-lhe que Cnéio Lucius regressava das sombras do sepulcro para lhe suplicar pela neta idolatrada, cooperando nas exortações da espôsa.

Então, sentindo o coração saturado de um sofrimento moral indefinível, acentuou com voz cavernosa:

— Os deuses não permitirão seja eu um miserável filicida... Mas, esmagarei o traíor como se esmaga uma víbora!

E voltando-se de repente para a filha humilhada, sentenciou com energia:

— Poupo-te a vida, mas, doravante estás definitivamente morta para a nossa desdita imensurável!... Vai-te desta casa com o fruto da tua infamia, porque tua indignidade não te permite viver mais um minuto sob o céto paterno!... Es maldita para sempre!... Foge para qualquer parte, sem te lembras de teus pais ou do teu nascimento, porque Roma assistirá aos teus funerais em breves dias! Serás estranha ao nosso afeto!... Não nos recordes, nunca, nem busques o passado, pois eu poderia exterminar-te nos meus impulsos!...

Celia continuava na sua atitude humilde, de joelhos, mas aos seus ouvidos ressoavam as palavras decisivas do pai orgulhoso e ofendido no seu amor proprio.

— Vai-te, foge, maldita!...

Ergueu-se cambaleante, endereçando á mãe um derradeiro olhar, no qual parecia concentrar toda a sua crença e toda a sua esperança... Alba Lucínia retrbuiu-lhe o gesto afetuoso, fixando-a com a sua ternura dolorosa. Pareceu-lhe descobrir na limpidez do olhar toda a inocencia dalma piedosa e cristã, e todavia o seu coração maternal agradecia intimamente aos deuses o lhe haverem poupado a vida...

Compreendendo a inflexibilidade da ordem paterna, Célia deu alguns passos vacilantes e, saíndo por uma porta lateral, encontrou-se em plena rua, sem direção nem destino, enquanto atrás dela fechavam-se as portas do lar paterno, para sempre.

Depois de reprovar a conduta da espôsa, culpando-a pela indiferença e falta de vigilancia, e após prometer recompensar o silencio de Hatéria ameaçando-a tambem com o cárcere, caso viesse a verificar-se o contrário, mandou um servo dos mais prestimosos á residencia dos sogros, chamando-os á sua casa com a maior urgencia.

Dentro de uma hora, Fábio Cornélio e sua mulner encontravam-se junto do casal, inteirando-se de todo o acontecido.

Enquanto o coração de Júlia Spinther sentia-se tocado das mais dolorosas emoções, o velho e orgulhoso censor exclamava convictamente:

— Sim, Helvídio, vamos procurar o traíador quanto antes, afim-de o exterminar, sejam quais fôrem as consequencias; mas, devias ter aniquilado a filha, pois o sangue deve compensar os prejuizos da vergonha, segundo os nossos códigos de honra!... Mas, enfim, ela estará moralmente morta para sempre. Depois de exterminarmos Lóllio Urbico, faremos com que as cinzas de Célia venham de Cápua para serem recolhidas em Roma, ao jazigo da família.

Ao passo que as duas senhoras, mãe e filha ficavam no aposento, sucumbidas, consolando-se reciprocamente e rogando a proteção dos deuses para a tragédia inesperada e dolorosa, Fábio e Helvídio dirigiram-se apressadamente para o Capitólio, afim-de exterminarem o inimigo, como se o fizessem á uma serpente imunda e venenosa.

Todavia, uma surpresa, tão grande quanto a primeira, os esperava.

No palácio do prefeito dos pretorianos o movimento era desusado e estranho.

Antes de atingirem o átrio, os dois patrícios foram informados de que Lóllio Urbico havia falecido minutos antes, acreditando-se que se tratava de um suicídio.

A morte do marido constava do programa sinistro de Cláudia, agora dona de opulento patrimonio financeiro, porquanto, dêsse modo não ficaria voz alguma que pudesse elucidar Helvídio Lucius, quanto á infamia que a antiga plebéia acreditava haver atirado ao nome de sua

espôsa. Além disso, alta madrugada, Sabina tomara de um dos pergaminhos em branco, assinados pelo prefeito e escreveu, com perfeita imitação caligráfica um bilhete lacônico no qual se confessava enfarado da vida, e rogava a Fábio Cornélio, amigo de todos os tempos, perdoasse o dano moral que lhe causara.

Penetrando, aturdidos na casa do inimigo morto, Fábio e Helvídio foram abordados por Cláudia Sabina, que lhes apareceu lacrimosa, naquela manhã tragicamente.

Depois de se lastimar, comentando a tétrica resolução do espôso em desertar da vida, Sabina entregava ao censor o ultimo bilhete de Urbico, que dizia grafado pelo marido á última hora, deixando transparecer curiosidade a respeito daquele pedido de perdão, injustificável e estranho. Desejava, assim, conhecer os primeiros resultados do trabalho tenebroso de Hatéria, esperando ansiosamente, dos lábios de Helvídio ou de alguma alusão de Fábio, as informações indiretas que o seu espirito vingativo ansiosamente aguardava.

O censor e o genro, entretanto, receberam o suposto bilhete de Urbico com secura e indiferença. E como era preciso dizer alguma cousa em face daquele imprevisto, Fábio Cornélio acrescentou:

— Guardarei este bilhete como prova do seu desequilíbrio mental nos últimos momentos, pois só assim se justifica este pedido. E agora, minha senhora — accentuou enigmaticamente para Cláudia, que o ouvia com atenção — ha de perdoar a nossa ausência, porquanto cada qual tem os seus infortúnios...

O velho patrício estendia-lhe as mãos em despedida, mas, sentindo a sua curiosidade fundamentalmente aguçada por aquelas expressões, a antiga plebéia interrogou com interesse, como a provocar algum esclarecimento de Helvídio Lucius, que se fechara em mutismo enigmático.

— Infortúnios? mas que desejais dizer com isso? Pretendeis abandonar-me nesta situação? Qual a razão de saírdes assim, desta casa, quando o cadáver de um amigo e chefe exige testemunhos de veneração e amizade? Porventura aconteceu algo de grave á Alba Lucínia?...

Notava-se que a última pergunta transpirava um

sentido misterioso. Ela esperava que Helvídio lhe falasse da sua tragédia domestica, dos seus profundos desgostos conjugais, da infidelidade da espôsa, conforme previa e decorria dos seus planos. Seu coração bastardo aguardava que o homem amado, naquele instante, iria dispensar-lhe as atenções amorosas tão ardente mente aneladas naqueles últimos meses, em que os seus sentimentos mesquinhos haviam acariciado tão grandes esperanças. O tribuno, porém, mantinha-se impassivel, como se tivesse os labios petrificados.

Fábio Cornélio, todavia, sem trair a fibra orgulhosa, esclarecia Sabina nestes termos :

— Minha filha vai bem, graças aos deuses, mas tambem nós acabamos de ser feridos no mais íntimo do coração! Um emissário da Campania, nos trouxe, esta manhã, a dolorosa notícia da morte repentina de minha néta solteira, que se encontrava junto da irmã, numa estação de repouso. Esta a razão que nos impede prestar ao prefeito as derradeiras homenagens, porquanto, vinhemos justamente comunicar-lhe a imediata partida para Cápua, afim-de promover o transporte das cinzas!...

Dito isso, os dois homens despediram-se secamente, saindo a passo firme, no borborinho dos amigos e dos servos apressados, que emulavam no patenteiar a Lóllio Urbico a bajulação derradeira.

Ante a cena enigmática, Sabina deixava vagar o pensamento em conjecturas. Hatéria ter-se-ia esquecido de cumprir cegamente as suas ordens? Que ocorrerá com a rival, cujas notícias a deixavam perplexa, quando tudo premeditara com tanto segurança? Os preconceitos sociais, contudo, as obrigações daquela hora extrema, que a sua propria maldade havia provocado, não lhe permitiam correr como louca no encalço da cúmplice, fôsse onde fôsse, para matar a curiosidade.

Enquanto o seu espírito se perdia em divagações ansiosas, Fábio Cornélio e o genro dirigiam-se ao Imperador, obtendo a necessária licença para a precisa viagem á Campania, cedendo-se-lhes, incontinenti, uma galera confortavel que os receberia em Óstia, de modo a abreviar a viagem o mais possivel.

Naquela mesma tarde, a embarcação saía do porto mencionado, conduzindo a família ao seu destino, salientando-se que Helvídio Lucius não se esquecera de levar Hatéria com os outros serviços de sua confiança.

Enquanto o patriciado romano rende homenagens ao prefeito dos pretorianos e a galera de Helvídio se afasta conduzindo em seu bojo quatro corações angustiados, sigamos a jóven cristã nas suas primeiras horas de amargura e sacrifício.

Saíndo da casa paterna, Célia atravessou ruas e praças, receosa de encontrar alguém que a reconhecesse no seu doloroso caminho...

Conchegava o pequenino de encontro ao coração, como se êle fôra seu próprio filho, tal o enternecimento que a sua figurinha lhe inspirava.

Depois de errar longamente, presa de acerbas meditações, sentiu que o sól ia muito alto e precisava cuidar da nutrição do inocentinho. Atravessara os bairros aristocráticos, encontrava-se agora junto á ponte Fabricius (1), cheia de cansaço, extenuada. Além do Tibre, surgiam as modestas edificações dos judeus e dos libertos pobres; ali estava a famosa Ilha do Tibre, onde outrora se ergueram os templos de Júpiter Licaônio e o de Esculápio... A seu lado passavam os filhos da plebe, inquietos e apressados. De vez em quando, surgiam soldados de marinha, da frota de Ravena, aquartelados no Trastevere e que lhe deitavam olhares libidinosos. Candada, dirigiu-se á uma casa de judeus, onde uma mulher do povo deu-lhe de comer, provendo-a de tudo quanto necessitava o pequenino. Mais confortada, levando uma pequena provisão de leite de jumenta, a filha de Helvídio continuou a dolorosa peregrinação pelas vias públicas, como se aguardasse uma inspiração feliz para o seu penoso destino.

---

(1) A Ponte Fabricius foi depois denominada "Ponte di Quatri Capi", em vista de uma estátua de Janus Quadrifrons, posta á entrada da praça. Foi construída de pedra, depois da conjuração de Catilina. — NOTA DE EMMANUEL.

A tarde, porém, voltou ao mesmo ponto, nas proximidades do qual fôra socorrida pelos mais humildes.

Triste e só, descansou num dos angulos da ponte Fabrício, ora contemplando os transeuntes mal vestidos, ora fixando as aguas do Tibre, com o coração envolto em dolorosas cismas.

Aos poucos, o sól se escondia lentamente, dourando ao longe as derradeiras nuvens do horizonte.

Um vento frio, cortante, começava a soprar em todas as direções. Contemplando os operários pobres que se recolhiam a penates, a jóven cristã aconchegou mais fortemente ao peito a misera criancinha. Sentindo-se desalentada, começou a orar e lembrou-se que Jesus também andara no mundo, ao desamparo, experimentando um suave consôlo nessa reminiscencia evangélica. Contudo, pungente saudade do lar feria-lhe o coração sensível e carinhoso. Mulheres do povo, depois das fainas penosas do dia, regressavam á casa com uma auréola de júbilo tranquilo a lhes transparecer no rosto, enquanto que ela, filha de patrícios, sentia-se acabrunhada ante as incertezas da sorte e exposta ao frio cortante do crepúsculo...

Estreitando sempre o pequenino, como se quisesse furta-lo ao ar glacial da tarde, mau grado a sua fé e resignação, não pôde conter o pranto, refletindo amargamente no seu penoso destino!...

As grandes nuvens, batidas de sól, esmaecian, pouco a pouco, dando lugar ás primeiras estrelas.

### III

#### ESTRADA DE AMARGURA

Desembarcando num porto da Campânia, nas proximidades de Cápua, Helvídio Lucius adiamou-se a todos os familiares, afim-de preparar os filhos para a consecução dos seus desejos.

Caio Fabricius e sua mulher sofreram rude golpe com as revelações inesperadas a respeito da irmã, e, obe-